

A HETEROGENEIDADE DISCURSIVA EM REDAÇÕES ESCOLARES

Márcia Maria Magalhães BORGES (UFG Mestrado)
(ebolm@bol.com.br)

Rosângela Costa da SILVA (UFG Graduada)
(roseletras6@hotmail.com)

Resumo: Neste artigo, apresentaremos um percurso teórico sobre as formações discursivas, ideológicas e imaginárias, dialogismo, polifonia e sujeito, para, enfim, trabalharmos a heterogeneidade discursiva mostrada e constitutiva, proposta por Authier-Revuz, em redação escolar de aluno do 3º ano do Ensino Médio.

Formações discursivas, ideológicas e imaginárias

Segundo Mussalim (2001, p. 110), “a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo da organização dos modos de produção social”. Sendo assim, o discurso é uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza, ou seja, é um dos aspectos materiais da existência material das ideologias. Sobre ideologia, Althusser (1996) diz que esse termo não se define simplesmente como um conjunto de idéias, mas como um conjunto que abrange as práticas materiais que reproduzem as relações de produção. Dessa maneira, duas noções são consideradas ponto de partida para a análise da articulação da ideologia com o discurso: o de formação ideológica e o de formação discursiva (doravante FI e FD).

Sob o ponto de vista pecheuxiano, podemos afirmar que a base teórica althusseriana é fundamental para a teoria do discurso. Na metáfora marxista do edifício social, o que Althusser (1996) chama de infra-estrutura é a base econômica, e de superestrutura, as instâncias político-jurídicas e ideológicas. Esse autor considera, portanto, que a ideologia que faz parte da superestrutura, só pode ser concebida como uma produção do modo de produção. A isso ele acrescenta que há uma ação de retorno da superestrutura sobre a infra-estrutura. Dessa maneira, a ideologia é responsável por perpetuar a base econômica que a sustenta.

Essa concepção da instância ideológica, como um sistema, cuja circularidade (caudatária da teoria de Althusser sobre ideologia) permite que seu funcionamento recaia sobre si mesmo, conduz Pêcheux à representação do “exterior da língua” na sua relação com os sentidos, uma vez que esses não existem em si, mas são definidos pelas posições ideológicas inseridas no processo social e histórico em que as palavras são produzidas.

De acordo com Brandão (1996), em um dado momento histórico e no interior das relações complexas denominadas pela teoria althusseriana de Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), as relações de classe podem se caracterizar pelo embate de posições políticas e ideológicas que se organizam de forma antagônica ou de dominação, ou, ainda, de relação de aliança. É nesse movimento de

contradição, de submissão ou de parceria que consideramos o texto em análise, já que estes se encontra inserido em um universo discursivo não isolado, mas em uma intensa circulação de saberes políticos e/ou ideológicos. Por isso, não podemos querer que o aluno apresente idéias só dele, ou que produza conhecimentos inéditos que partiram do nada ou, ainda, que seu discurso não seja afetado por valores políticos e ideológicos.

Nas palavras de Foucault (2002, p. 136), FD é “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou lingüística dada, as condições de exercício da função enunciativa”.

Assim, aquilo que o sujeito diz se integra em uma FD que produz certo sentido. O que é dito tem um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. Isso faz parte da própria constituição do discurso em seus sentidos. Esse entrecruzamento dos traços ideológicos não se encontra nas palavras, mas na discursividade. Por essa razão, o limite que define uma FD é instável, pois todo discurso se coloca em relação com outros dizeres presentes e dizeres que permanecem na memória e são acionados no momento da enunciação. Dessa forma, os discursos, dos quais o aluno se apropria para construir o seu próprio discurso, estão certamente carregados desses valores ideológicos, e se mesclam na/à redação do aluno¹, afetando o seu discurso.

Segundo Foucault (2002), uma FD é um conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, que possibilitam a passagem da dispersão de enunciados para uma certa regularidade. Com relação a essa dispersão, Orlandi (1998, p. 53) diz que “o discurso é caracterizado duplamente pela dispersão: a dos textos e a do sujeito”, ou seja, o discurso é uma dispersão de textos, e o texto é uma dispersão do sujeito. Essa realidade autoriza o aluno lançar mão de outras vozes que fazem parte de sua FD para criar um texto desencadeador de um efeito de sentido próprio. Pêcheux (1988, p. 155), ao reconhecer que FD é lugar de constituição do sentido, enuncia a tese de que “toda FD dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência e respeito ao todo complexo dominante das FDs, o chamado de interdiscurso”.

Por interdiscurso, entendemos como aquilo que já foi dito em algum lugar, em certo tempo, e que chamamos de memória discursiva: é o saber discursivo que nos possibilita dizer algo e que retorna sob forma do pré-construído². Esse termo sinaliza uma marca, no enunciado, de um “sempre-já-á” da interpelação ideológica que se opõe a “realidade” e seu sentido que são construídos no momento da enunciação.

Toda vez que o sujeito de um discurso toma a palavra, ele mobiliza um funcionamento discursivo que remete a formações imaginárias que designam o

¹ Ao tratarmos da prática de produção textual, sentimos a necessidade de discutirmos a noção de **autoria**, entretanto não nos atermos a essa questão por considerarmos esse estudo muito abrangente, o qual será enfoque de outras pesquisas, como a de doutorado.

² Esse conceito de pré-construído foi elaborado por Henry (1975) e desenvolvido posteriormente em Pêcheux (1975). Essa noção pode ser entendida como a marca, no enunciado, de um discurso anterior. É o oposto do que é construído no momento da enunciação.

lugar que o sujeito e o destinatário se atribuem mutuamente, ou seja, a imagem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

Interpretando Pêcheux (1997), num discurso estão presentes um sujeito A e um destinatário B, que se encontram em lugares determinados na estrutura de uma formação social. Esses lugares se acham não apenas representados nos processos discursivos, mas transformados, daí um discurso não implicar necessariamente uma mera troca de informações entre A e B, mas sim um jogo de efeitos de sentido entre os participantes.

Dependendo do lugar a partir do qual o aluno constitui o seu dizer, suas palavras significam de modo diferente. Ora, o que defendemos aqui é que o aluno está inserido numa sociedade formada por relações hierarquizadas, relações sustentadas no poder desses diferentes lugares que se fazem valer no discurso construído, pois, nessa relação, o discurso do professor, por exemplo, assume maior valor do que o do aluno. Por esse motivo, os sentidos são produzidos por um certo imaginário, que é social e é, por sua vez, resultado das relações entre poder e sentidos. E a ideologia impossibilita o conhecimento dos sentidos através de processos discursivos observáveis na materialidade lingüística. Com efeito, toda a prática discursiva nos leva à ilusão de que o efeito de sentido constituído produz um sentido único. Por isso, temos a ilusão de que os sujeitos são a **fonte do sentido** e de que **têm domínio do que dizem**.

Se o interdiscurso pertence à ordem do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento ao longo do dizer, podemos considerar o esquecimento estruturante para o interdiscurso. Pêcheux (1988, p. 173) caracteriza os dois tipos de esquecimento:

- Esquecimento nº 2 – o sujeito-falante “seleciona” no interior da FD que o domina, formas e seqüências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou seqüência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.
- A noção de sistema inconsciente caracteriza o esquecimento nº 1. O sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da FD que o domina. Esse tipo de esquecimento remete, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que esse exterior determina a FD.

Segundo Orlandi (2002), o esquecimento nº 2 produz nos sujeitos a impressão da realidade do pensamento, por isso, sendo da ordem da enunciação, o sujeito-falante é dominado por uma ilusão que o faz acreditar em uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo.

Por outro lado, o esquecimento nº 1, também chamado de esquecimento ideológico, pertence à instância do inconsciente e depende da forma como o sujeito é afetado pela ideologia. Aqui, reside a ilusão de que o sujeito é a fonte do dizer, é a origem daquilo que se diz. Percebemos essa crença, no aluno, quando ele se afasta de seu dizer (ou pensa que se afasta), ao construir o seu texto. O que ele produz, em sua concepção, é dele, quando o que acontece de fato é a retomada de sentidos veiculados em outros discursos, definidos pela forma como o sujeito se inscreve na língua e na história. Entretanto, as ilusões parecem ser um “defeito”, o que, na

verdade, são de suma importância para que a linguagem produza sentidos, pois os sujeitos esquecem que o que eles dizem já foi dito, em algum momento, em algum lugar e, por isso se identificam com o que enunciam e se constituem em sujeitos.

Logo, vemos, nos processos discursivos, uma série de formações imaginárias que designam a imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A (Quem sou eu para lhe falar assim?); a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A (Quem é ele para que eu lhe fale assim?) e a imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B (Quem sou eu para que ele me fale assim?).

Uma contribuição decisiva: a noção de dialogismo e polifonia

Segundo Barros (1997, p. 30-31), alguns aspectos são relevantes para a compreensão da dialogização entre interlocutores:

- a) “a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem”;
- b) “o sentido do texto e a significação das palavras dependem da relação entre sujeitos”, pois a palavra constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte. A palavra não é monológica, mas plurivalente, por isso o dialogismo passa a ser uma condição constitutiva do sentido. Através da palavra, é possível que um se defina em relação ao outro. Conforme Bakhtin (1997, p. 113), “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre o locutor e o interlocutor. Se ela se apóia sobre o locutor numa extremidade, na outra apóia-se sobre o interlocutor”;
- c) a intersubjetividade é anterior à subjetividade, no sentido de que as relações entre os interlocutores constroem os próprios sujeitos produtores do texto;
- d) sobre a concepção bakhtiniana de sujeito, apontamos dois tipos de relação: entre sujeitos (entre os interlocutores que interagem) e a dos sujeitos com a sociedade.

Para Bakhtin, a língua não é ideologicamente neutra, mas complexa, pois, no signo, confrontam-se índices de valor contraditório. Diante de tal caracterização, a língua é dialógica. Imprimem-se nela, a partir de seu uso e por meio da história, as relações dialógicas do discurso. A língua é essencialmente dialógica, quer pensada como língua ou como discurso.

Desse ponto de vista, a forma de trabalhar e de perceber a língua permite um distanciamento da concepção estrutural saussureana. Essa noção privilegia o sistema abstrato da língua, com suas características formais passíveis de serem repetidas. Bakhtin concebe a linguagem não só como sistema abstrato, mas também como integrante de um diálogo cumulativo entre o eu e o outro. Esse autor enfatiza a complexidade multiforme das manifestações da linguagem em situações sociais concretas. Segundo Authier-Revuz (1998, p. 185), o efeito dessa nova postura é “a linha de fratura fundamental que coloca, de um lado, o sujeito-origem, na visão da psicologia e suas variantes ‘neurais’ ou sociais” e, de outro, o sujeito de linguagem que é descentrado, ou seja, é afetado pelo real da língua e também afetado pelo real da história.

Em Bakhtin (1981), podemos encontrar a expressão polifônica no romance dostoievskiano. Tal polifonia se caracteriza por vozes polêmicas em um discurso, conforme registra Bakhtin (1981, p. 2) “a multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental de Dostoievski”.

Sobre as diferentes noções de sujeito

Na primeira fase da Análise do Discurso (AD-1), uma noção de “máquina discursiva” é inaugurada, o que significa pensar nas condições de produção como formas mais estáveis, geradoras de um processo discursivo responsável pela construção e transformação das proposições, entendidas em princípios semânticos, os quais são capazes de delimitar e definir o discurso. Para Pêcheux (1997, p. 311), “diferentes processos discursivos referem-se a diferentes máquinas discursivas, cada uma delas idêntica a si mesma e fechada sobre si mesma”. O sujeito é assujeitado aos ditames da maquinaria, pois quem fala é uma instituição, uma teoria ou uma ideologia.

Na segunda fase da AD: a noção básica não é mais a máquina discursiva, mas uma outra versão se configura “máquina estrutural fechada” (Pêcheux, 1997). O que desencadeia esse novo enfoque, embora não muito representativo em relação à primeira fase da AD, é o conceito de FD tomado de empréstimo de Foucault (2002). O sujeito deverá ser compreendido no interior dessa noção, pois, assim como uma FD é concebida como uma dispersão, ou seja, é sempre atravessada por outras FDs, no sentido de não serem constituídas por um princípio de unidade, o sujeito também é dispersão. Sendo assim, ele passa a desempenhar papéis de acordo com as posições que ocupa no espaço interdiscursivo, e desse modo, temos a idéia de um sujeito função, já que ele pode atuar em mais de uma posição.

Na AD-3 se descortina uma visão de sujeito consistente com uma noção de discurso marcada pela heterogeneidade³. Mussalim (2001) admite que há sempre a presença do outro⁴ numa FD, e é essa presença que confere ao discurso o caráter heterogêneo. Vale salientar que se o discurso é tomado assim, o sujeito também o é. Nesse ponto, questionamos aquela concepção de sujeito como ser único, central, origem e fonte do sentido, porque na sua fala outras vozes também falam.

Authier-Revuz (1982, 1990, 1998) toma as descobertas das teorias do inconsciente⁵ para apontar o sujeito dividido, clivado entre o consciente e o inconsciente. “O sujeito não é uma entidade homogênea, exterior à língua, que lhe seria útil para ‘transportar’ em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente” (AUTHIER-REVUZ, 1982, p. 136).

³ O conceito de heterogeneidade será focado à luz dos postulados teóricos de Authier-Revuz, a seguir.

⁴ Este “outro” envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo) (BRANDÃO, 1996, p. 49).

⁵ Segundo Brandão (1996, p. 55) para a psicanálise, o inconsciente é uma cadeia de significante que se repete e insiste em interferir nas fissuras que lhe oferece o discurso efetivo, ou seja, é concebido nos termos freudianos como a linguagem do desejo (censurado).

De acordo com essa teoria, três características do sujeito são assinaladas por Brandão (1996, p. 55): a) *dividido, clivado, cindido* – o sujeito é resultado de uma estrutura complexa que não se reduz à dualidade especular do sujeito com seu outro e se constitui também pela interação com o inconsciente freudiano; b) *descentrado* - não há centro para o sujeito fora da ilusão e do fantasma. O ponto relevante para Authier-Revuz (1982, p. 139) é tomar conhecimento da realidade dessa ilusão: “não tomar os enganos construídos pelo sujeito, pela realidade que mascaram; como também não ignorar esses enganos como ilusórios desconhecendo seu caráter real”; c) *efeito de linguagem* – o sujeito de Lacan é o do inconsciente estruturado como uma linguagem. A linguagem é a condição do inconsciente, aquilo que todo ser introduz como uma discordância com sua própria realidade, ou seja, o sujeito é compreendido como efeito de linguagem.

Sobre a heterogeneidade discursiva

Para propor as formas de heterogeneidade do sujeito e do seu discurso, Authier-Revuz (1982) se apóia, de um lado, na concepção bakhtiniana de dialogismo, ou seja, concebe o discurso como produto de interdiscursos, de outro, apóia-se na abordagem de sujeito e de sua relação com a linguagem aos moldes da psicanálise, numa releitura lacaniana de Freud. Para Lacan (1992, p. 39), “a linguagem é a condição do inconsciente”.

Segundo Authier-Revuz (1982, p. 141), “por trás de uma aparente linearidade, da emissão ilusória de uma só voz, outras vozes falam”. Há, nesse sentido, formas marcadas, mais ou menos explícitas, passíveis de apreensão na materialidade lingüística do texto, que vão constituir o processo por ela denominado “heterogeneidade mostrada”, o qual deve ser compreendido como formas lingüísticas de representação de diferentes modos de negociação do sujeito falante com a “heterogeneidade constitutiva do seu discurso”.

Destacaremos algumas das formas de heterogeneidade mostrada que acusam a presença do outro na superfície discursiva:

a) aquela em que o locutor usa de suas próprias palavras para se remeter a um discurso de um outro (discurso indireto) ou recorta as palavras do outro e as cita (discurso direto);

b) aquela em que o locutor utiliza as formas de conotação autonímica para assinalar as palavras do outro em seu discurso, quer por meio das aspas, de uma remissão a outro discurso; quer pela utilização de um comentário, uma glosa, um ajustamento, sem que o fio discursivo seja interrompido;

c) aquela forma mais complexa em que a presença do outro não é explicitamente mostrada na frase (a voz do locutor se mistura à do outro), mas no espaço do semidesvelado, do implícito, não mais no nível da transparência, como é o caso do discurso indireto livre, da ironia, da imitação, da reminiscência em que se trabalha com o outro discurso. Trata-se de uma forma mais arriscada, porque joga com a diluição, com a dissolução do outro no um, onde este pode ser enfaticamente confirmado, mas, também, pode se perder, pois ao jogar com a diluição, é mais

difícilmente controlada pelo sujeito. Não há uma fronteira lingüística explícita entre o que o locutor diz e o que o outro diz, as vozes se entrecruzam, se imiscuem nos limites de um único enunciado.

As formas marcadas são assinaladas de maneira unívoca. Podemos tratar de discurso direto ou indireto, de aspas, itálico, citações, estereótipo, pressuposição, pré-construtos, de glosas que implicam uma não coincidência do dizer.

Análise

- *Oi Carla, como você está?*

- *Não estou bem. Acho que estou gorda. Estou com oitenta quilos e medindo 1,78 metros. Olho aquelas modelos mais secas, mas são tão bonitas. Como eu queria ter um corpo daquele!*

- *Que isso Carla? Você é um “avião! É alta, bonita, esperta, inteligente, esbelta e está reclamando?*

Ficamos ali naquela lanchonete conversando e tomando sorvete. Ciro, meu amigo de infância, estudava na mesma escola que eu. Só não éramos namorados porque eu não me sentia bonita para aquele garoto humilde.

Contava para ele que tinha dia que eu ia para escola me achando uma “deusa”. No caminho era paquerada por homens na rua e isso me elevava. Como sou feliz! Mas ao chegar na escola encontrava Alice, magra, alta, modelo famosa, enfim com tudo no lugar, com proporções certas e então me sentia feia.

Adorava lanchar aqueles salgados enormes e bonitos no recreio, mas quando olhava Alice comendo só uma maçã me sentia gorda. Daquele momento em diante, comecei a fazer regimes, tomar vitaminas e comer folhas no lugar do jantar, ficar sem tomar café de manhã, tomar sucos diet como lanche e parei de comer besteiras como chocolates, massas, frituras e doces. Resultado, quatro dias depois desmaiei no colégio. Fui internada. Após conversar com o médico, começaram os “sermões” da medicina e parecia que aquela tarde de segunda não ia acabar nunca.

No outro dia, fui tirar satisfações com Alice:

- *Como é que você é tão magra e bonita comendo só maçã? Qual é o seu segredo? Não minta. Já fiz de tudo e continuo gorda e feia. Só consegui levar a bronca de um médico chato. O que você fez?*

- *Não fiz nada. Simplesmente não ganho peso e perco com facilidade. Na verdade, não gosto de lanchar na escola e por isso só como maçã.*

- *Eu sempre quis ter um corpo parecido com o seu. Que inveja sinto de você!*

O aluno se vê diante de uma proposta de redação que solicita a ele a construção de um texto, levando em conta os princípios de estruturação da narrativa. Para tanto, o aluno deve narrar uma história revelando o “comportamento de um personagem que viva conflitos porque tem hábitos alimentares poucos saudáveis”.

Sendo assim, o aluno instaura, em seu texto, um diálogo entre duas personagens. Uma delas demonstra a sua insatisfação diante dos quilos a mais que lhe faz perder a boa aparência física. A outra, tenta convencer a amiga de que ela se encontra em perfeito estado. Para isso, *Carla* produz um discurso metafórico: “Você é um “avião”.

É óbvio que, para atribuir à amiga a palavra “avião”, houve uma relação de similaridade que pressupõe um processo anterior de comparação (você é como um avião), pois a identificação da amiga se dá a partir da propriedade do avião de ser um objeto considerado como um meio de transporte de beleza peculiar e possuidor de qualidades positivas. É um recurso argumentativo utilizado para alterar a forma de pensar da amiga em relação ao corpo que ela possui.

De acordo com o ponto de vista bakhtiniano, o que é expresso pelo falante ou pelo enunciador não pertence só a ele, pois em todo discurso as vozes, mesmo que infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, são percebidas. Da mesma forma, são as vozes que ecoam no instante da fala.

Sob essa perspectiva, podemos dizer que essa fala da personagem, não pertence só a ela, uma vez que se cultua no Brasil um tipo de beleza, que valoriza a pessoa magra. Na perspectiva da AD, o sujeito é atravessado por várias FDs e, uma delas, no caso do texto em análise, é a que dita um padrão de beleza que, muitas vezes, faz com que a pessoa mantenha uma baixa auto-estima.

Ao relatar os seus sentimentos antes de chegar à escola, a personagem se coloca num tempo distante em que se sentia uma “deusa” (com aspas). Essa metáfora permitiu a identificação de um estado oposto ao anterior: era de satisfação. Provavelmente, essa metaforização foi pertinente, porque existem discursos cristalizados em torno dos deuses: a beleza incomparável, a divindade, a alegria de ser feliz. O que “ouvimos”, no texto do aluno, são vozes quase impessoais e que parecem distantes.

Ao instaurar um diálogo entre interlocutores, o aluno organiza um texto polifônico, pelas diferentes vozes que se fazem ouvir ao defender duas idéias opostas que dialogam: a) uma é a da desvalorização da beleza física, sendo contrastada pelo próprio personagem, com um já-dito (interdiscurso) que toma como protótipo de beleza a condição de ser magra para, assim, ser considerada uma pessoa bonita; b) as duas diferentes vozes que se revelam por meio de um diálogo entre a personagem Carla e seu interlocutor que tenta alterar a forma negativa de conceber o próprio corpo. A dupla orientação dialógica bakhtiniana é mostrada nesse texto: o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre os discursos.

Dessa forma, os argumentos utilizados pelo narrador-personagem procuram atingir áreas mais profundas por meio da linguagem, pois ele pretende interferir na própria maneira de pensar de seu interlocutor (Carla), já que o narrador-personagem diz: “— Que isso Carla? Você é um “avião”! É alta, bonita, esperta, inteligente, esbelta e está reclamando? [...]”.

Além disso, podemos observar que “sermões” é apenas um modo de falar. Sob o abrigo das aspas, o locutor (aluno) parece frustrar a ofensiva do outro, apagando o sentido religioso da palavra. Além disso, podemos dizer que esse termo “sermões” mantém o efeito de sentido considerado pela medicina como aquele que quer ter o poder de “mostrar caminhos”. Nesse caso, houve um deslocamento de uma FD religiosa que concebe a palavra “sermões” como um discurso cristão, pregado com a finalidade de moralizar, repreender ou censurar, para uma outra FD pertencente à medicina. O espaço do discurso da medicina

foi atravessado pelo pré-construído, ou seja, por um discurso que veio de um outro lugar (religiosidade) e que foi incorporado no texto do aluno por uma relação de aliança (sentido). A esse respeito Orlandi (2001, p. 18) explica que “as palavras mudam de sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra, pois muda sua relação com a formação ideológica”. Parece que estamos diante das aspas de proteção, assim denominadas por Authier-Revuz (2004, p. 224), pois elas levam o locutor a utilizar palavras que não deixam brechas para possíveis discussões: “é apenas um modo de falar, não discutirei por causa dessa palavra”.

Considerações finais

Investigamos, em primeira instância, as tramas da rede discursiva que envolvem o texto do aluno. Não poderíamos deixar de observar as FDs que, como o entrelaçar dos fios de uma teia, se imiscuem no texto do aluno ora se diluindo entre outras FDs ora se mostrando como se nos permitissem desvendá-las, a partir das vozes que se revelam por meio da linguagem que, aos poucos, vão encontrando o seu lugar no dizer do aluno.

À luz dos postulados pecheuxtianos, chegamos à conclusão de que o aluno, na escola, ocupa um lugar que não se limita apenas à sala de aula “iluminada e arejada”, mas se expande em direção a uma imensidão de dizeres que o constitui, que o “atravessa” e que o faz construir o novo a partir do velho, do dado. Observamos também que tanto o aluno como o professor constroem imagens que refletem na produção de seus discursos. Não podemos negar que os discursos são “controlados”, “organizados”, “selecionados”, “redistribuídos” e, sendo assim, sofrem coerções.

A heterogeneidade dessas vozes foi revelada no texto analisado e permitiu-nos asseverar que, por mais que o aluno tente se distanciar e elaborar um texto original, elas se encontram na sua superfície ou diluídas entre outras vozes que produzem efeitos especiais de sentido.

Acreditamos que podemos desenvolver, em sala de aula, uma forma de abordar a produção escrita que leve em consideração o aspecto heterogêneo da linguagem. Nossa pretensão é que este trabalho seja instigador de novas buscas, porque não o colocamos como verdades absolutas, mas como uma possibilidade a mais de trabalharmos com o ensino de língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

ALTHUSSER, L. Ideologia e aparelhos ideológicos de estado. In: *Um mapa da ideologia*. Traduzido por Vera Ribeiro. (Orgs) Slavoj Zizek. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, 1996.

- AUTHIER-REVUZ, J. *Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'autre dans le. DRLAV – Revue de Linguistique*, Paris, n°26, p. 91 –15, 1982.
- _____. *Heterogeneidade(s) Enunciatiava(s)*. Traduzido por Celene M. Cruz; João Wanderley Geraldi. Campinas: Caderno de Estudos Lingüísticos, 1990. p. 25-42.
- _____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Traduzido por Cláudia R. Castellanos Pleiffer et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.
- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Traduzido por Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Traduzido por Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso. In: BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p. 27-38.
- BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- BRANDÃO, H.H.N. *Introdução à Análise do Discurso*. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- LACAN, J. O Seminário – Livro 17. *O avesso da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- ORLANDI, E. P. *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998.
- _____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 2001.
- _____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- PÊCHEUX, M. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.
- _____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.

